

Monumento Comemorativo da Batalha do Vimeiro

A luta desenrolou-se e surgiram confrontos violentos. Como resultado, os franceses perderam um general, alguns oficiais, 1800 homens, 13 peças de artilharia e 23 cofres de munições. Os ingleses contaram entre mortos e feridos cerca de 783 soldados.

Junot reorganizou o seu desbaratado exército e retirou para Torres Vedras. Perante as dificuldades que lhe tinham trazido os combates da Roliça e Vimeiro e a presença de tantos soldados inimigos, deliberou retirar os seus exércitos de Portugal.

O Monumento Comemorativo

A 21 de Agosto de 1908, nas celebrações do primeiro centenário da batalha entre o exército napoleónico comandado pelo general Junot, o qual sofreu uma pesada derrota, e o exército anglo-luso, comandado pelo general Wellesley, foi inaugurado na presença de D. Manuel II, um monumento com cerca de 4,5m de altura, simbolizando o agradecimento dos valorosos serviços prestados pelas tropas inglesas na referida batalha.

Encontramos como ornato as datas, as armas nacionais e em grande relevo a cabeça de leão que simboliza a força e a coragem. Executado por artistas nacionais, o monumento evocativo da Batalha do Vimeiro está classificado como Imóvel de Interesse Público.

Posto de Turismo da Lourinhã
Largo António Granjo
2530-119 Lourinhã

telefone 261 410127
fax 261 410108
turismo@cm-lourinha.pt
www.cm-lourinha.pt/turismo

Posto de Turismo da Praia da Areia Branca
Largo do Turismo
Praia da Areia Branca
2530-216 Lourinhã

telefone 261 422167
fax 261 410108
turismo@cm-lourinha.pt
www.cm-lourinha.pt/turismo

A Batalha do Vimeiro

Enquadramento Geral

O ímpeto conquistador de Napoleão Bonaparte foi o principal responsável pela insegurança vivida em toda a Europa nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Assim, foi planeada uma tripla aliança entre Inglaterra, Espanha e Portugal.

No ano de 1795, as tropas Portuguesas juntamente com as Espanholas, combatiam as tropas Francesas em Rossilhão. Enquanto decorria esta guerra, os Espanhóis, no mais completo segredo, negociavam a paz com a França, deixando Portugal numa situação difícil. Assim, devido a esta traição Espanhola, os Portugueses iniciaram uma longa campanha diplomática que tinha como objectivo manter a paz. No entanto, para que tal acontecesse, a França exigiu algumas regiões do norte do Brasil e principalmente o corte de relações que Portugal mantinha com Inglaterra. No caso de resposta negativa, Portugal seria invadido, o que veio a acontecer a 20 de Maio de 1801. Simultaneamente, o Ministro dos Negócios Estrangeiros já se encontrava em Badajoz para iniciar o processo de paz, que só se realizou através da concretização de algumas exigências francesas, nomeadamente o encerramento dos portos à Inglaterra.

Em 1807 a Espanha e a França assinam o “Tratado de Fontainebleau”, um acordo secreto que dividia Portugal em três regiões: o norte que seria entregue a Espanha; o centro que ficaria sob administração Francesa e o Alentejo e Algarve, que formaria um principado de Manuel Godoy (espanhol que passaria a ter o título de Príncipe dos Algarves). Assim, neste mesmo ano dá-se a primeira invasão militar francesa do território português. Como medida de precaução, em 27 de Novembro deste mesmo ano, a corte e a família Real são transferidas para o Brasil.

Junot, comandante superior do exército francês, chega a Lisboa no dia 30 de Novembro e de imediato procedeu ao desmantelamento do exército português.

Na Primavera de 1808, surge uma primeira tentativa de rebelião, que não se concretiza, devido à insuficiência dos meios disponíveis.

Em 2 de Maio do mesmo ano, a revolta popular instalada em Madrid, faz com que os generais Espanhóis, que ocupavam Portugal, regressassem ao seu país.

Em Junho, no norte do país, dá-se uma rebelião e o general Bellesta prende todos os franceses que estavam na região, convoca também todas as autoridades civis e militares para início da retomada da independência. Nesta altura o



Arthur Wellesley
Conde de Wellington

Príncipe é aclamado e é hasteada a bandeira nacional. Este movimento espalha-se por todo o país, organizam-se forças e constitui-se um governo civil militar. Ao mesmo tempo, são enviados dois emissários ao governo Inglês para obter ajuda, que é posteriormente concedida. É então que o Príncipe regente declara guerra à França. A Inglaterra manda para Portugal um corpo de tropas que se encontrava na Irlanda sob o comando de Arthur Wellesley (Conde de Wellington), um outro que se encontrava na Suécia sob o comando do General Moore e ainda um terceiro corpo de tropas que se encontrava em Gibraltar sob o comando do General Spencer.

A 7 de Agosto, Wellesley encontra-se com Bernardim Freire de Andrade (comandante das operações do Exército da Estremadura) para estabelecer um plano de operações conjuntas, com o objectivo de libertar o reino da opressão francesa. Wellesley pedira a Bernardim 1600 soldados Portugueses mas reuniram-se 2600 que acompanharam as tropas inglesas.

A 15 de Agosto, o exército Anglo-Português dirige-se para as Caldas da Rainha e no dia seguinte depara-se com o destacamento de Delaborde, na Roliça. A 17 faz uma investida sobre o inimigo, que se retira para uma colina a 2km daquele local. Ao fim de três assaltos, Delaborde faz a sua retirada para Montachique.

Composição do Exército Francês

As forças francesas eram repartidas em três divisões de infantaria e uma de cavalaria. No total eram compostas por 14000 homens.

A 1ª Divisão era comandada pelo general Delaborde e era dividida em duas brigadas, uma de Brennier e outra de Thomiers. A 2ª Divisão era comandada pelo general Loison, que também era dividida em duas brigadas, Solignac e Charlot. A 3ª Divisão era a de reserva e estava sob o comando de Kellerman. A cavalaria estava sob o comando de Margaron. Para finalizar, o exército francês era composto por 26 peças de artilharia.

Composição do Exército Anglo-Luso

O Conde de Wellington comandava de 18291 a 19279 soldados que estavam repartidos por 4 Divisões. A 1ª Divisão, comandada pelo tenente-general Sir John Hop; a 2ª comandada pelo tenente-general Lord Paget; a 3ª sob o comando do general Frazer e ainda a 4ª, comandada pelo próprio Wellesley. Todas as Divisões estavam divididas em 2 brigadas. Wellesley dispunha, também de uma brigada de reserva que era comandada pelo general Sir John Moore que, nesta altura, já se encontrava à vista das Berlengas.

A cavalaria era constituída por 240 homens.

Tal como o nome indica este exército era composto também por tropas portuguesas que estavam sob o comando do Capitão Gregório Pereira de Faria.

Outra componente do exército anglo-luso eram as 18 peças de artilharia. Esta força obedecia ao comando geral do coronel inglês Trath.

A Batalha

Dia 21 de Agosto de 1808, às 9 horas da manhã, o batalhão francês faz a sua aproximação pela antiga estrada que ligava Torres Vedras a Lourinhã, em direcção ao Vimeiro. Aproximação esta que foi inesperada pois Wellesley tinha as suas brigadas preparadas para um ataque inimigo vindo da Maceira, o que não aconteceu. Assim, Wellesley deu ordens para que as brigadas tomassem novas posições, de maneira a protegerem a extrema esquerda e a retaguarda da linha de Batalha do Vimeiro.



Pormenor da Batalha do Vimeiro